



A CASA QUE QUERIA
SER MUSEU



Realização Instituto Casa Da Memória Italiana
Presidente Weimar Marchesi de Amorim
1º Vice Presidente Maurílio Biagi Filho
2º Vice Presidente Vincenzo Antonio Spedicato
Diretora Administrativa Adriana Silva
Gestores Mônica Jaqueline de Oliveira
Gabriel Azarias
Conselheiros Ângela Biagini de Amorim
Eduardo Marchesi Amorim
Giulia Crippa
Henrique Telles Vichnewski
Nilton Campos
Tânia Cristina Registro
Coordenadoras Maria Augusta Scatena Lopes
Fernanda Dias
Educativo Thales Eduardo Sposito
Colaboradores Solange de Oliveira Braz
José dos Reis Oliveira
Edison Braga Soares
Marcel Brito Silva
Antônio Ribeiro Almeida Filho
Bartolomeu de Lima Silva
José Francisco de Oliveira Silva
Autoras Adriana Silva
Mônica Oliveira
Ilustrações Beth Garcia
Dandara Martins
Diagramação Adriana Silva/Estúdio WIP_
Edição Instituto Casa da Memória Italiana - CMI

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)	
Silva, Adriana A casa que queria ser museu / Adriana Silva, Mônica Oliveira ; ilustração Dandara Martins, Beth Garcia. -- Ribeirão Preto, SP : Instituto Casa da Memória Italiana, 2024.	
ISBN 978-65-997524-1-4	
1. Memórias 2. Museus - Brasil - História 3. Preservação histórica I. Oliveira, Mônica. II. Martins, Dandara. III. Garcia, Beth. IV. Título.	
24-218211	CDD-069
Índices para catálogo sistemático:	
1. Museus : Preservação da memória e cultura : Museologia 069	
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253	



Patrocínio



Apoio



Realização



APRESENTAÇÃO



Este livro faz parte das comemorações dos 10 anos do Museu Casa da Memória Italiana, em 2024, ano em que se comemora também 150 anos da imigração italiana no Brasil. É também parte da celebração dos 100 anos da edificação sede do Museu Casa da Memória Italiana (MCMI), em 2025.

A publicação é resultado de um diagnóstico do público do Museu Casa da Memória Italiana, onde constatou-se uma inquietação trazida pela co-gestora Mônica Oliveira, que neste museu, como tantos outros, um dos públicos menos frequentes, é o de crianças na primeira infância. Este período de vida que vai do nascimento aos 6 anos de vida.

O ambiente museal, em geral, não é o mais convidativo ao público infantil. Cheio de regras e imposições (necessárias à conservação de acervos e objetos expostos), como o clássico “não toque”. O espaço do museu repele crianças e seus acompanhantes.

Este fato é constatado e questionado em estudos e vivências em várias outras instituições, estando presente até em obras de arte, como o caso de “Acomodados”, da artista Renata Egreja. Este trabalho da artista interiorana de Ipaussu-SP, que compõe o acervo do MARP (Museu de Arte de Ribeirão Preto Pedro Manuel-Gismondi), traz grandes almofadas coloridas, sobre um tapete colorido, no espaço expositivo de museus e galerias.

“Acomodados” contrariando a atmosfera destes lugares, pode ser manipulada, empilhada, e até levada pelo espaço expositivo, criando mini espaços de estar, confortáveis, em ambientes tão engessados e intimidadores ao público infantil e principalmente das mães, que não se sentem à vontade nas visitas com seus filhos. As almofadas da obra, coloridas, chamativas e confortáveis, ocultam em sua face inferior dados estatísticos que convidam ao debate de temas sensíveis a sociedade, como a violência feminina.



No Museu Casa da Memória Italiana, buscando conhecer melhor a problemática do que impede a presença da primeira infância em museus, foi desenvolvido o projeto “Museu Vai à Escola”. Esta proposta piloto, idealizada por Mônica, inverteu a passividade da maioria dos ambientes expositivos, e levou a equipe do museu a quatro escolas municipais de educação infantil. Foram trabalhadas em conjunto com as professoras Pâmela, Silmara, Giovanna e Mariana, temáticas do Museu Casa da Memória Italiana. Proporcionando contato com assuntos como a imigração, arquitetura da casa e culinária italiana, de forma lúdica e pedagógica, enquanto a equipe também teve a imersão na vivência com os alunos de 4 a 6 anos.

O projeto previa como ação final, a visita dos alunos participantes, ao Museu Casa da Memória Italiana, onde seriam recebidos pela exposição de seus trabalhos artísticos desenvolvidos durante o projeto. Infelizmente, esta visita escolar foi impossibilitada por esferas acima das salas de aula, coordenações e diretorias. A visita foi concretizada, (infelizmente não para todos os alunos), por mais um esforço da equipe do Museu, professoras e famílias dos alunos.

“A Casa que Queria ser Museu” nasce como um presente às datas comemorativas do Museu Casa da Memória Italiana, difundindo e perpetuando este importante espaço cultural. Esta publicação é também um convite a todos, mas especialmente a todas as crianças, para que conheçam museus. Que consumam cultura, conheçam e questionem sua história, e se apropriem do território que ocupam. Torcemos para que este livro encoraje os familiares e professores a incentivarem e resistirem, para que os pequenos ocupem os espaços de cultura, que a eles também pertencem e só com a presença deles, farão sentido de ser.

Julho de 2024

Gabriel Ramos Azarias

Mocoquense em Ribeirão Preto.
Co-gestor do Museu Casa da Memória Italiana, arquiteto, arte educador e produtor cultural.



PREFÁCIO

“A casa que queria ser museu”

Recebi o convite para fazer o prefácio com imensa alegria. Escrevi com carinho da criança que habita em mim, relembrando os livros da infância que tinha a casa como enredo principal e, o quanto ficaria animada com essa leitura. Vale ressaltar, que o livro é uma primeira produção escrita direcionada ao público infantil criada pelo Museu Casa da Memória Italiana, enfatizando a importância de crianças conhecerem a cultura local.

Desta leitura, eu me questioneei e provoço você a pensar: Se uma casa falasse? Será que ela contaria as histórias vividas ali e se emocionaria em lembrar? E, se a casa se tornar um museu, poderia ser uma fonte de inspiração para se trabalhar com crianças em sala de aula ou mesmo com a família?

A narrativa do livro, conduzida por uma linguagem lúdica, direciona olhar sobre a edificação que compõe o Museu Casa da Memória Italiana, provoca uma volta no tempo da casa como lar e permite imaginar como viveram as duas famílias através das cores, dos aromas e dos sons. A observação dos movimentos do cotidiano relatadas pela protagonista Casa, indica a grandeza de significados dessa palavra com quatro letras. Podemos lembrar da casa dos nossos avós, do quintal para brincar, da casa de bonecas, do castelo feito de areia ou de cartas de baralho.

Espero que os pequenos leitores deste livro façam deste momento de leitura uma maneira de integrar também sua história junto a preservação do patrimônio cultural em Ribeirão Preto. Que o desejo desta casa em ser museu possa motivar a imaginação, as lembranças, ao conhecimento e a criação de experiências, mesmo aqueles que não a conhecem pessoalmente.

Julho de 2024

Alice Registro Fonseca

Ribeirão-preтана, arte-educadora e gestora de museu

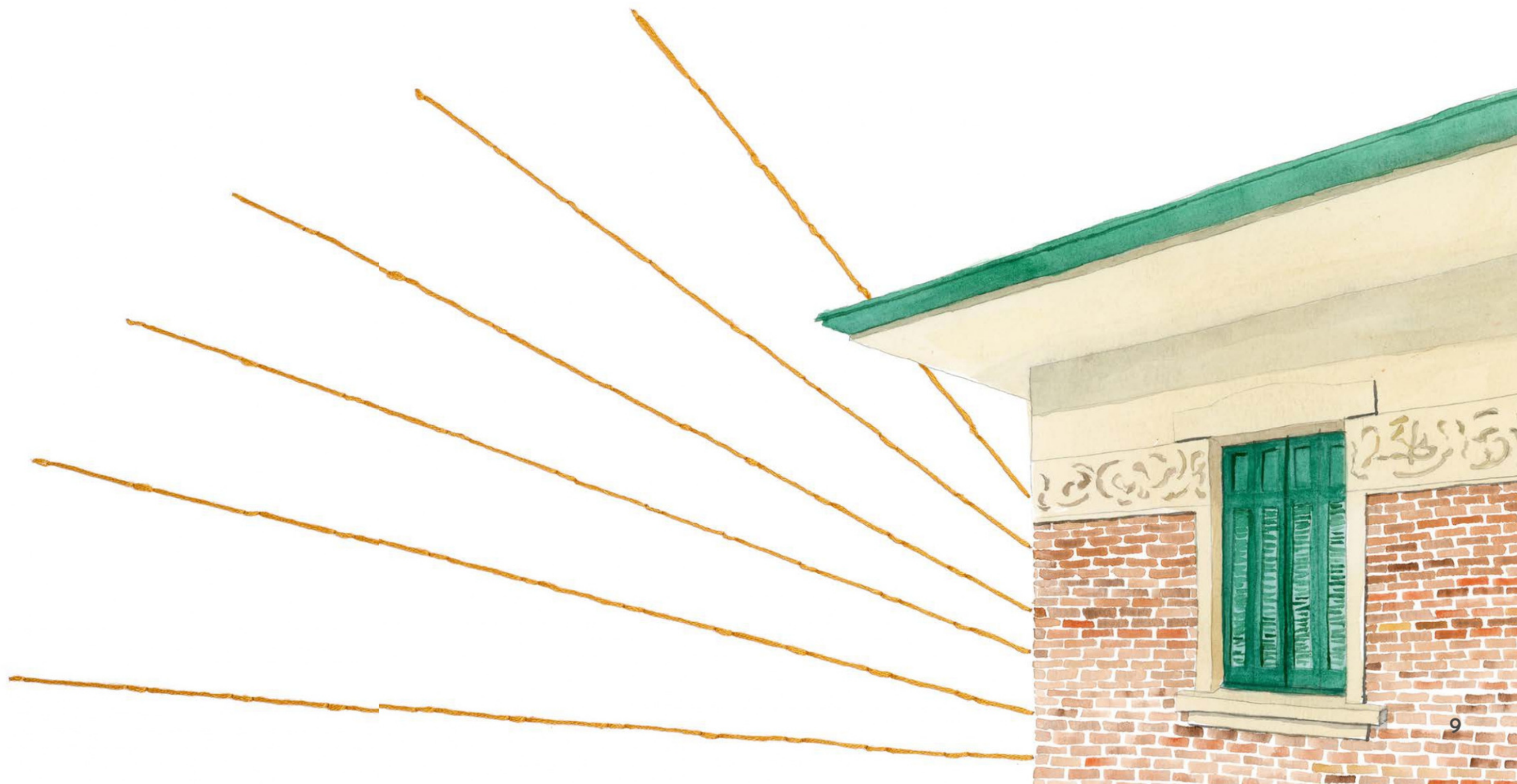


Para as crianças que moram em nós.

Nasci pela construção. Foram colocados tijolos em cima de tijolos, até ter paredes, e elas deram a forma da minha existência como casa.

Eu fui sonhada. Cada canto, cada parede, cada detalhe, foram pensados para eu ser bonita e aconchegante.

Fui criada para ser lar, lugar de acolher, lugar de morar. Lugar de viver, brincar e sorrir.





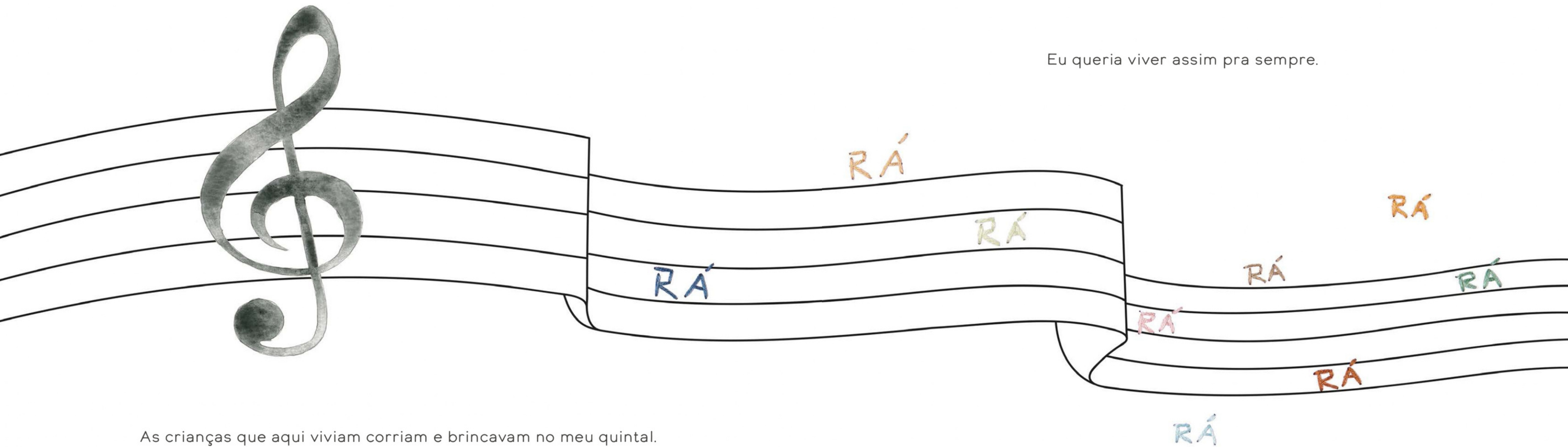
Eu sou linda. As minhas paredes são de tijolos vermelhos. Minhas janelas e portas são pintadas de verde. Tenho vitrais com desenhos de natureza e, quando o sol bate, tudo se colore, aqui dentro.

A mulher que me sonhou, a Dona Joaquina, veio morar em mim, passei a ter cheiro de café. Eu vivi anos maravilhosos com essa família.



As flores do meu jardim eram lindas e vívidas!





Eu queria viver assim pra sempre.

As crianças que aqui viviam corriam e brincavam no meu quintal.
Os sons das risadas eram músicas para mim!

Mas, um dia, veio o silêncio e roubou minha alegria.



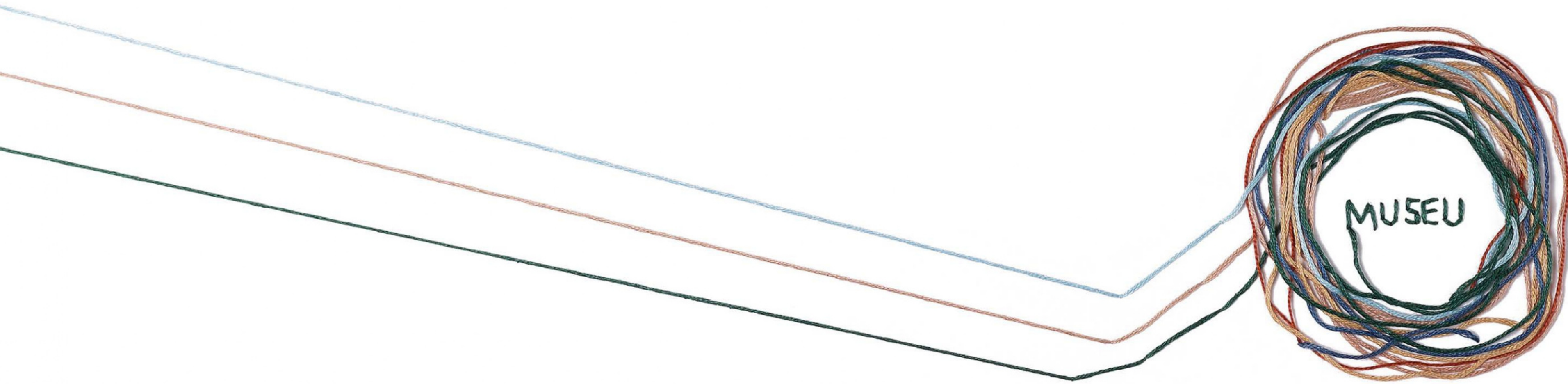
Aqui dentro, tudo se esvaziou.





O tempo passou e uma nova família me habitou.
As pessoas tinham costumes diferentes dos da família anterior.
Eram numerosos, gostavam de festas e recebiam muitas visitas!

A primeira vez que ouvi falar das casas eternas que guardavam tesouros foi com essa família! Eles falavam delas depois que voltavam de viagens. Essas casas guardam histórias, memórias, o nome delas é Museu. Fiquei pensando como seria lindo ser uma casa eterna, uma Casa Museu! Esse sentimento ficou guardado dentro de mim por algum tempo.



Em uma das minhas salas passou a ter música.
Até o relógio era musical, cantava as horas!
Os domingos passaram a ter cheiro de macarrão
e molho de tomate fresco.



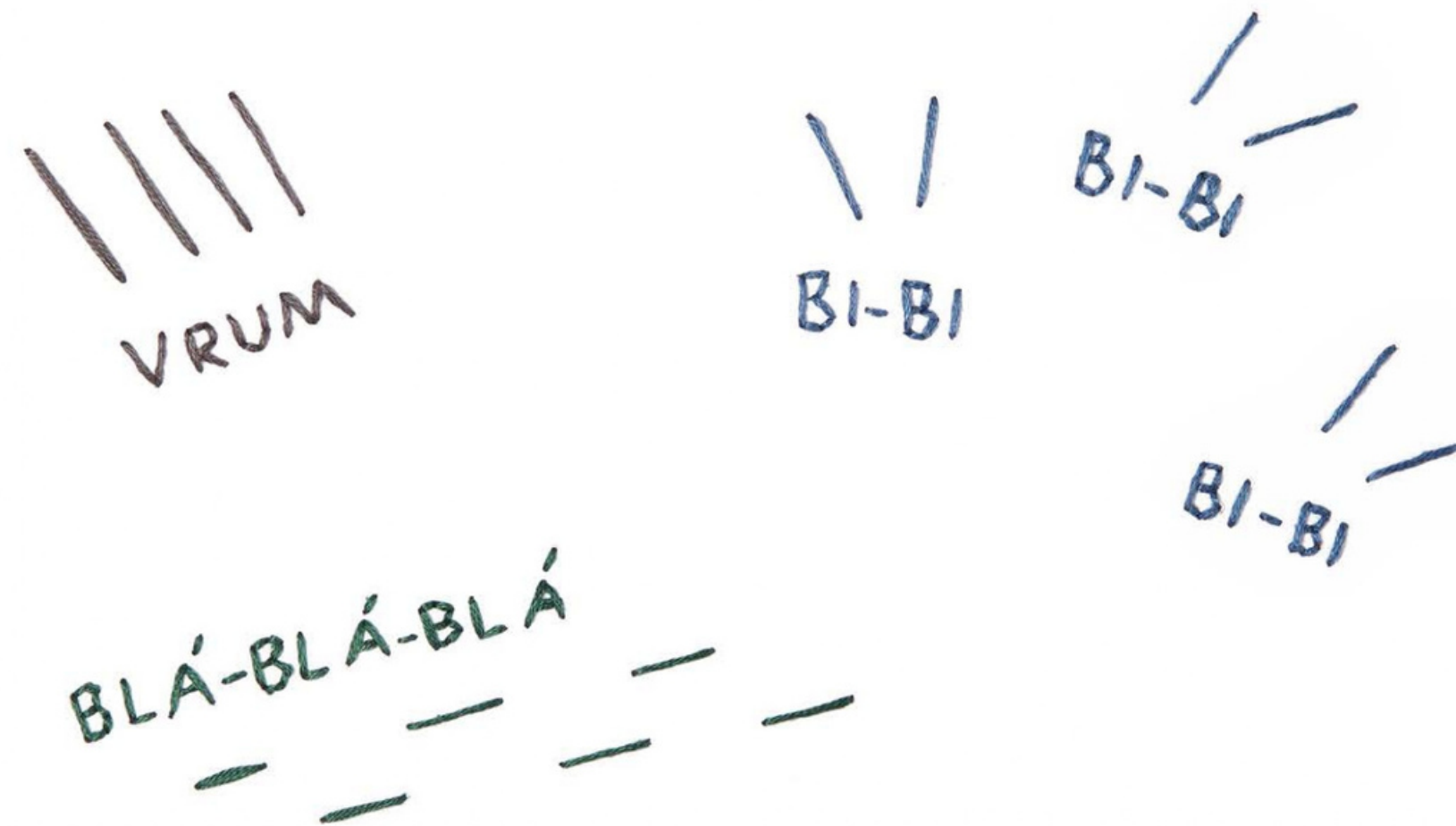
O Senhor Pedro, que morava aqui, adorava descansar na varanda. Gostava de observar o movimento da rua sentado em uma das cadeiras de madeira. Um dia, a cadeira que ele se sentava ficou vazia. Foi o primeiro silêncio da família italiana.

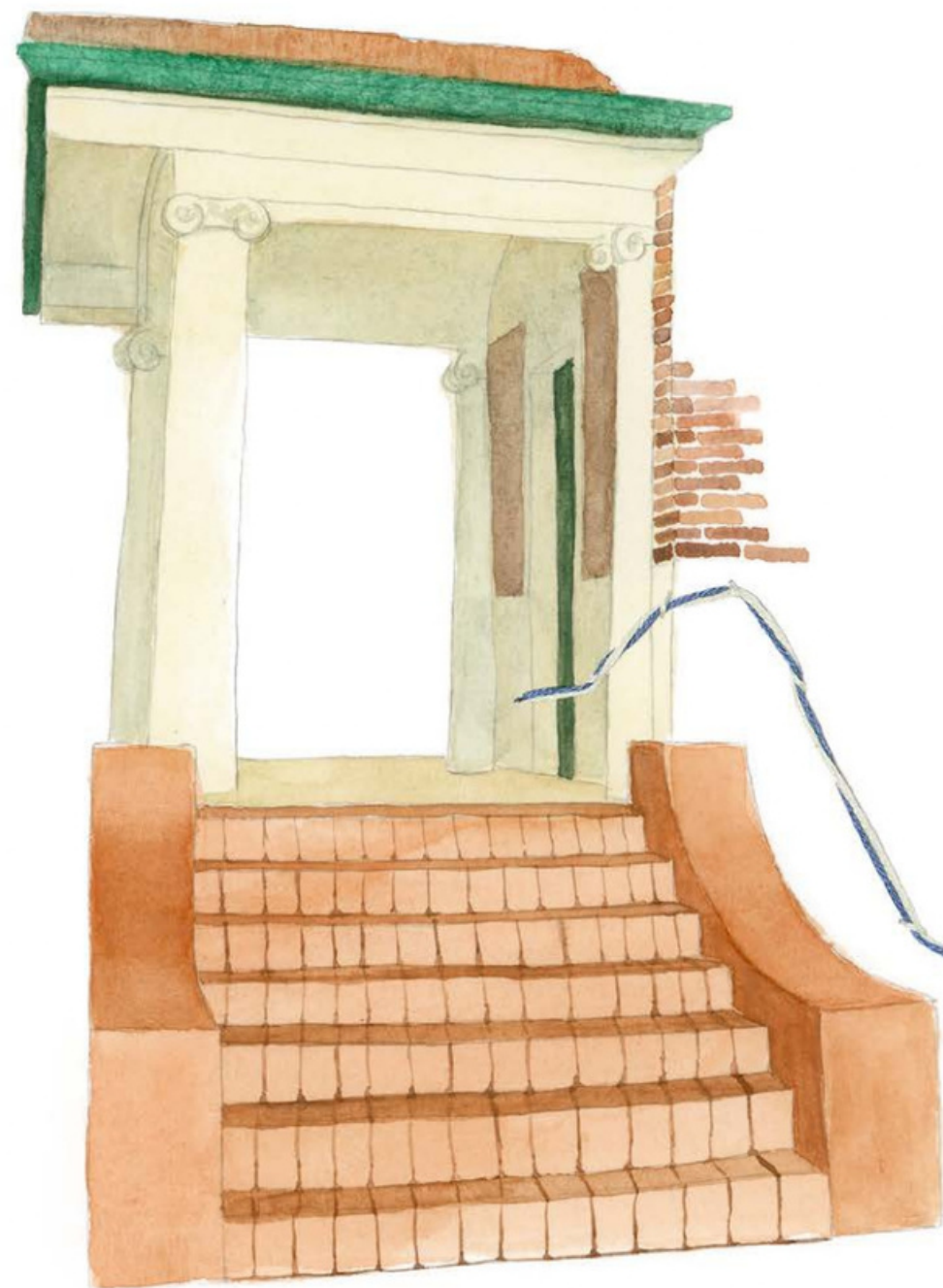


Eugênia, a matriarca da casa, trançava seus longos cabelos todas as manhãs, ao pé da cama. Era quase um ritual. O tempo passava em outro ritmo, era um tempo feliz... Mas logo ela se foi! Foi se encontrar com Pedro e mais uma vez senti saudade.



A cidade foi mudando, casas como eu, foram sendo demolidas e no lugar foram sendo construídos prédios, com muitos andares. Outras deixaram de existir, para dar lugar aos carros a serem estacionados... A rua mudou. Ela ficou mais barulhenta, com mais pessoas, mais carros, menos árvores, menos pássaros cantando, menos encontros...





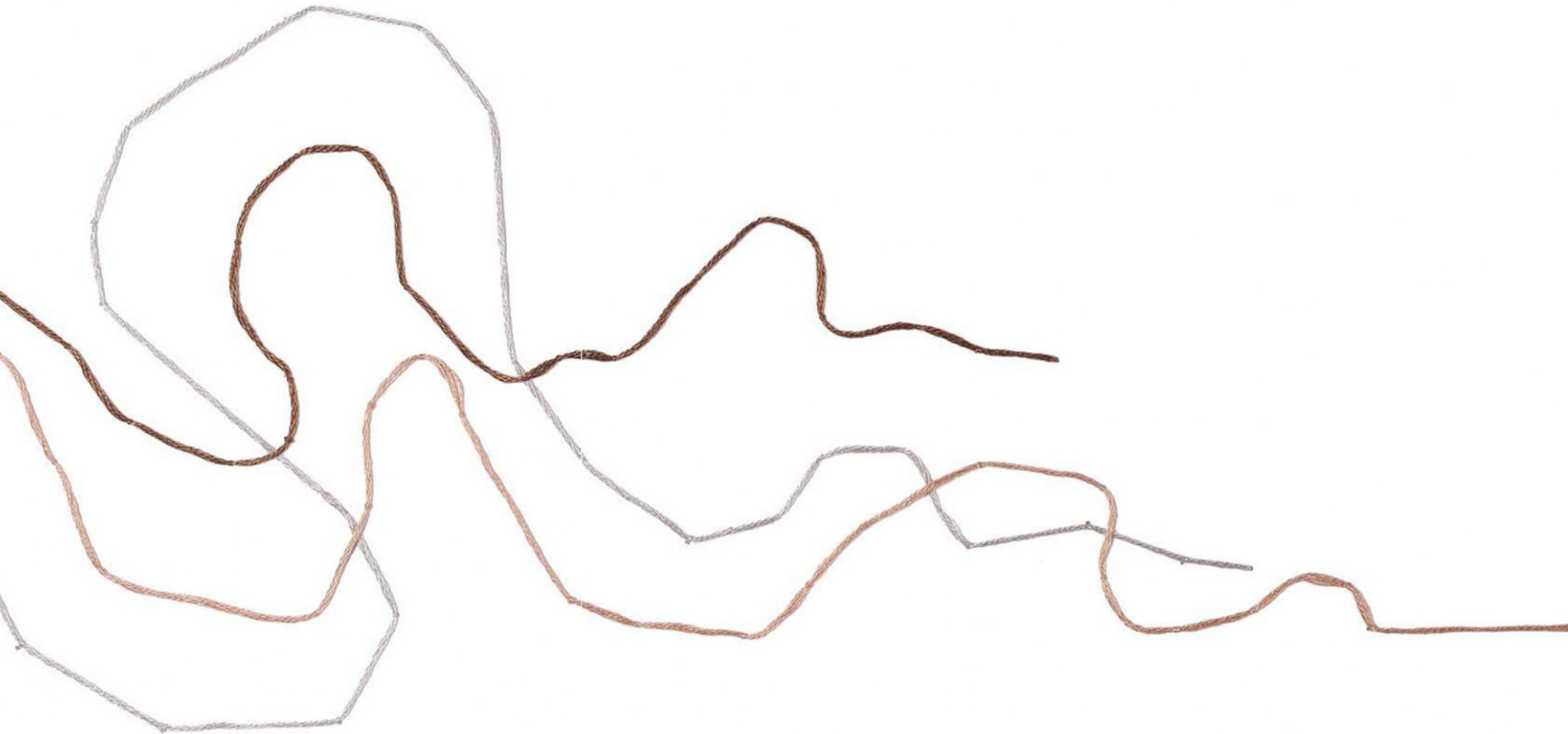
A família foi crescendo. Novas crianças chegando.
O corrimão da minha varanda passou a ser
escorregador para a diversão da garotada!



Com o tempo novos silêncios foram surgindo.
Meu interior foi se esvaziando e a saudade apertando.
As últimas três irmãs, foram se separando.
Uma por vez, deixando saudade. À medida que o
tempo passava, eu pensava que ia deixar de existir.



Um dia a última moradora se foi, doeu.
As cortinas foram fechadas e as portas
trancadas. Já não tinha música, nem crianças,
nem festas, nem café, nem macarronada.
O tempo foi passando, foi solitário e triste.



Mas um dia começaram a me visitar pessoas com rostos familiares.
Com o tempo comecei a ser organizada, arrumada para receber visitas.
Muitas pessoas entravam para me conhecer, comecei a me sentir feliz de novo, muito feliz! Um dia me chamaram de Museu, e uma placa foi colocada em uma de minhas paredes. Depois de ter vivido 90 anos como residência, me tornei Casa Museu!



CASA DA
MEMÓRIA
ITALIANA

MUSEU

MEMÓRIA

FAMÍLIA

FELICIDADE

Esses novos dias têm sido maravilhosos, cheios de pessoas, músicas, brincadeiras, histórias... Sinto que nasci para ser museu. Eu pensei que deixaria de existir com o tempo. Então aprendi que ser museu é experimentar a eternidade através da memória!





SOBRE AS AUTORAS



Adriana Silva

Mãe de Mariah. Uma menina danada que anda por aí salvando a natureza. Amiga íntima das palavras, adora brincar com elas, coletando-as e transformando-as em livros. Hoje, ela também vive fazendo festas de livros pelas cidades do interior do estado de São Paulo.



Mônica Oliveira

É filha de Magali, mas, na casa delas, não tem o Cebolinha! É professora de criança pequena e trabalha na Casa Museu que deu origem a este livro. Tem se encantado pelas palavras que faz gente pequena sonhar.

SOBRE AS ILUSTRADORAS



Beth Garcia

Faz do bordado a sua arte. As suas linhas brincantes dançam pelo papel, formando lindos desenhos cheios de carinho. O bordado traz textura, volume e cores, e deixaram as páginas deste livro mais vívidas e convidativas.



Dandara Martins

É construtora de desenhos. De tanto desenhar, construiu nossa Casa no papel. Gosta dos traços e das cores, e com elas faz a mágica do encantamento.

